

MULHER, IDENTIDADE E CLASSE

**PROFA. DRA. IRACEMA SANTOS DO NASCIMENTO
29º CONGRESSO DE EDUCAÇÃO SINPEEM, 16/10/2018**

GÊNERO COMO ORGANIZADOR-CHAVE DA GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL

Cinco aspectos da divisão sexual do trabalho (DST) e das relações de gênero:

- 1) divisão sexual do trabalho profissional e expansão do trabalho de cuidados;
- 2) precarização social e do trabalho;
- 3) divisão sexual do trabalho, terciarização e terceirização;
- 4) divisão sexual do trabalho doméstico;
- 5) globalização e migrações internacionais femininas.

GÊNERO COMO ORGANIZADOR-CHAVE DA GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL



**“PROCESSOS DE
SUBORDINAÇÃO
MEDIADOS PELO
MERCADO”.
(FRASER, 2009)**



DIVISÃO SEXUAL DO EMPREGO E DA ATIVIDADE PROFISSIONAL

Aumenta a presença de mulheres no mercado de trabalho, mas desigualdades (entre sexo, raça e classe) persistem.

<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2018/03/21/M%C3%A9dicos-pedreiros-professores-idade-e-g%C3%AAnero-das-profiss%C3%B5es>

Segregação horizontal: mulheres não têm acesso às mesmas profissões que os homens, limitadas a número restrito de atividades.

Segregação vertical: poucas chances de promoção para as mulheres.

- Vagas criadas são vulneráveis e precárias (trabalho informal);
- Desemprego feminino maior que o masculino;
- Salários femininos inferiores aos masculinos (30% no Br.).

DESIGUALDADE PARADOXAL

- Mulheres alcançaram níveis de escolaridade maiores que os dos homens.
- Mas a posição das mulheres e dos homens NÃO É A MESMA na hierarquia social, na repartição do trabalho doméstico, há hierarquia profissional ou na representação política.
- Paradoxo estruturado sobre a divisão sexual do trabalho, conforme princípio hierárquico do valor do trabalho masculino SUPERIOR ao do trabalho feminino.
- <http://fundacaotidesetubal.org.br/downloads/getFile/2644/desigualdade-entre-mulheres-e-homens-em-numeros>

A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO DE CUIDADO

- - Por muito tempo, o trabalho de cuidado foi exercido por mulheres, no espaço privado doméstico, gratuitamente, “por amor” aos “descapacitados”.
- Inserção em massa das mulheres no mercado de trabalho + envelhecimento da população = mercantilização, profissionalização do cuidado (de gratuito e invisível, torna-se visível e remunerado).

<https://www.geledes.org.br/numero-de-mulheres-de-14-29-anos-que-nao-estudam-por-causa-de-afazeres-domesticos-e-30-vezes-maior-que-o-de-homens/>

DST, PRECARIZAÇÃO SOCIAL E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

- 30% das mulheres ocupadas e 8% dos homens ocupados estão em trabalho precário, sem proteção social e sem direitos (LOMBARDI, 2010).
- Das mulheres brasileiras ocupadas, 17% são empregadas domésticas. O emprego doméstico é um dos principais tipos de trabalho precário, sobretudo o de diarista, sem vínculo empregatício, sem proteção social e sem direitos.
- O trabalho precário é majoritariamente feminino.
- Mulheres são mais atingidas pela precariedade, sendo maioria na categoria “desemprego oculto pelo desalento”.
- Precariedade do trabalho e precarização familiar são indissociáveis.

TERCIARIZAÇÃO, TERCEIRIZAÇÃO E DST

- A terciarização da economia (expansão do setor terciário) tem impacto na divisão sexual do trabalho, pois as mulheres são massivamente empregadas nesse setor.
- A terceirização, um dos motores essenciais da atividade produtiva num contexto de dinâmica internacional do trabalho, também atinge de modo específico e agudo as mulheres, pois elas são maioria da mão-de-obra terceirizada e precarizada.
- Ex.: dois setores estratégicos para o país – eletroeletrônico e têxtil (confecção e vestuário) – têm presença predominante de mão de obra feminina. São cadeias produtivas que na sua ponta contam com trabalho muito precarizado e quanto mais precário é o trabalho, maior a presença de mulheres.

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO DOMÉSTICO

- O que é atribuído a um e a outro sexo é um fator imediato de desigualdade e de discriminação.
- Agravantes: esfera privada, ideologia patriarcal, cultura machista cristalizada, estereótipos e modelos: “ser mãe é...”.
- Mudanças são lentas: a participação das mulheres permaneceu intacta em todas as regiões do mundo, c/ diferenças de grau, dos modelos tradicionais aos modelos de delegação.
- No Brasil, há 7 milhões de pessoas no emprego doméstico, apenas cerca de 5% do sexo masculino (Censo Populacional, IBGE, 2010).

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO DOMÉSTICO

- As mulheres brasileiras gastam 26,6 horas de sua semana com tarefas domésticas; os homens 10,5 horas. Juntando trabalho remunerado e doméstico, as mulheres trabalham mais de 57 horas por semana, enquanto os homens somam pouco mais de 50, segundo pesquisas sobre o “Uso do Tempo” (PNAD/IBGE).
- Reflexão: **afeto e heteronormatividade na base na reprodução da servidão doméstica.**

EM SUMA...

- Importante: considerar o papel *do trabalho reprodutivo não remunerado* nas desigualdades do mercado de trabalho.
- Decisões dos empregadores são orientadas por uma certa compreensão e uma naturalização dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, segundo a DST.

EM SUMA...

Segundo Laís Abramo, do Escritório da OIT no Brasil, os mecanismos de reprodução das desigualdades de gênero no mundo do trabalho estão centrados na noção da mulher como uma *força de trabalho secundária*, que pressupõe a tradicional dicotomia entre “mulher cuidadora” e “homem provedor”, persistente no imaginário social, empresarial, na teoria econômica e sociológica, e mesmo entre os formuladores de políticas públicas. (ANDRADE, 2016, p. 34)

A inserção da mulher no mercado de trabalho destoa do papel social que lhe é atribuído e, portanto, será sempre vista como *complementar, eventual, instável e secundária*.

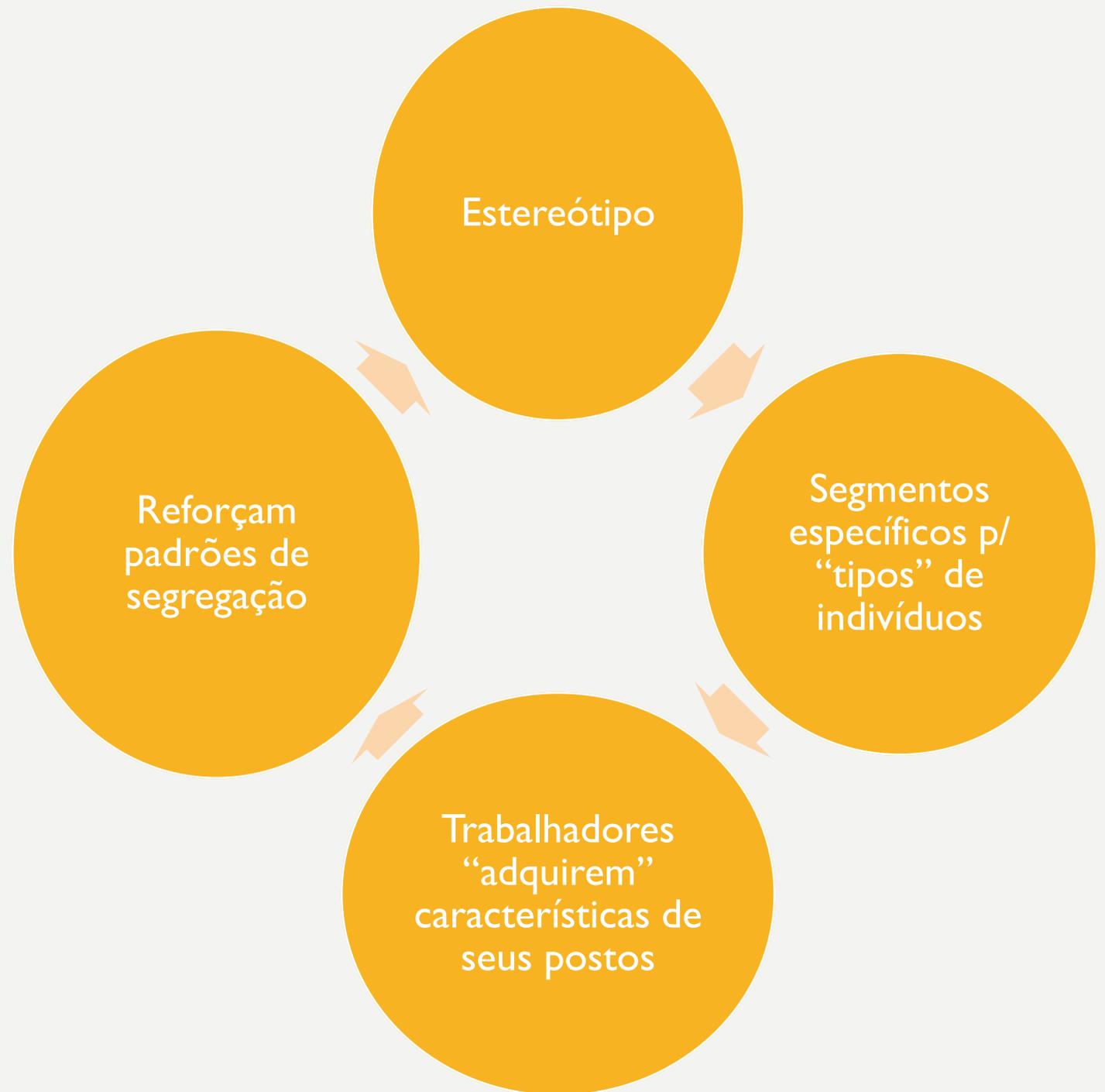
EM SUMA...

“Apesar da ampliação e da diversificação em distintos ramos de atividade ao longo destes últimos 70 anos, o mercado de trabalho ainda preserva características do século passado no que diz respeito à inserção ocupacional das mulheres, e, como decorrência disto, elas permanecem em atividades produtivas menos valorizadas socialmente e com menores salários.” (TEIXEIRA, 2017, p. 72)

EXPLICAÇÕES DA TEORIA ECONÔMICA FEMINISTA

A restrição das mulheres a algumas profissões não se dá por escolhas livres e racionais, mas por *influência de estereótipos* que geram um círculo vicioso que reforçam padrões de segregação ocupacional, dificultando a dissociação entre posto de trabalho e sexo.

CICLO VICIOSO DO ESTEREÓTIPO



MÃO DE OBRA DA MULHER: FORÇA DE TRABALHO *SECUNDÁRIA*

- Importante: considerar o papel *do trabalho reprodutivo não remunerado* nas desigualdades do mercado de trabalho.
- Decisões dos empregadores orientadas por certa compreensão e naturalização dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, segundo a DST.
- Noção da mulher como *força de trabalho secundária, complementar, eventual, instável*; tradicional dicotomia “mulher cuidadora” e “homem provedor” persiste no imaginário social, empresarial, na teoria econômica e sociológica, e mesmo entre os formuladores de políticas públicas. (ANDRADE, 2016, p. 34)

GLOBALIZAÇÃO E DST

- A globalização não tem os mesmos impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e militares sobre os homens e as mulheres. As dinâmicas de classe, de raça, e os movimentos migratórios não podem ser compreendidos sem a perspectiva de gênero. (HIRATA, 2017, p. 164)
- 1- a globalização criou mais empregos femininos, porém mais precários e mais vulneráveis;
- 2- a abertura de mercados e a política de desregulamentação causam condições de trabalho desfavoráveis p/ as mulheres: aumento da carga de trabalho remunerado e não remunerado;
- 3- aumento das desigualdades de sexo, de classe, de raça pela reorganização da divisão mundial do trabalho e de acesso aos recursos.

EM SUMA...

- Além de aprofundar as formas já conhecidas de desigualdade entre mulheres e homens no mercado de trabalho, as mudanças no sistema internacional de produção geram novos fatores de exclusão e exploração da mão de obra feminina nos vários setores produtivos. Em síntese, essa é a análise proveniente de ativistas e pesquisadoras que tomam a economia feminista como referencial teórico para refletir sobre as relações entre gênero e trabalho, a partir de uma perspectiva mais global da economia.

NÚMEROS QUE FALAM...

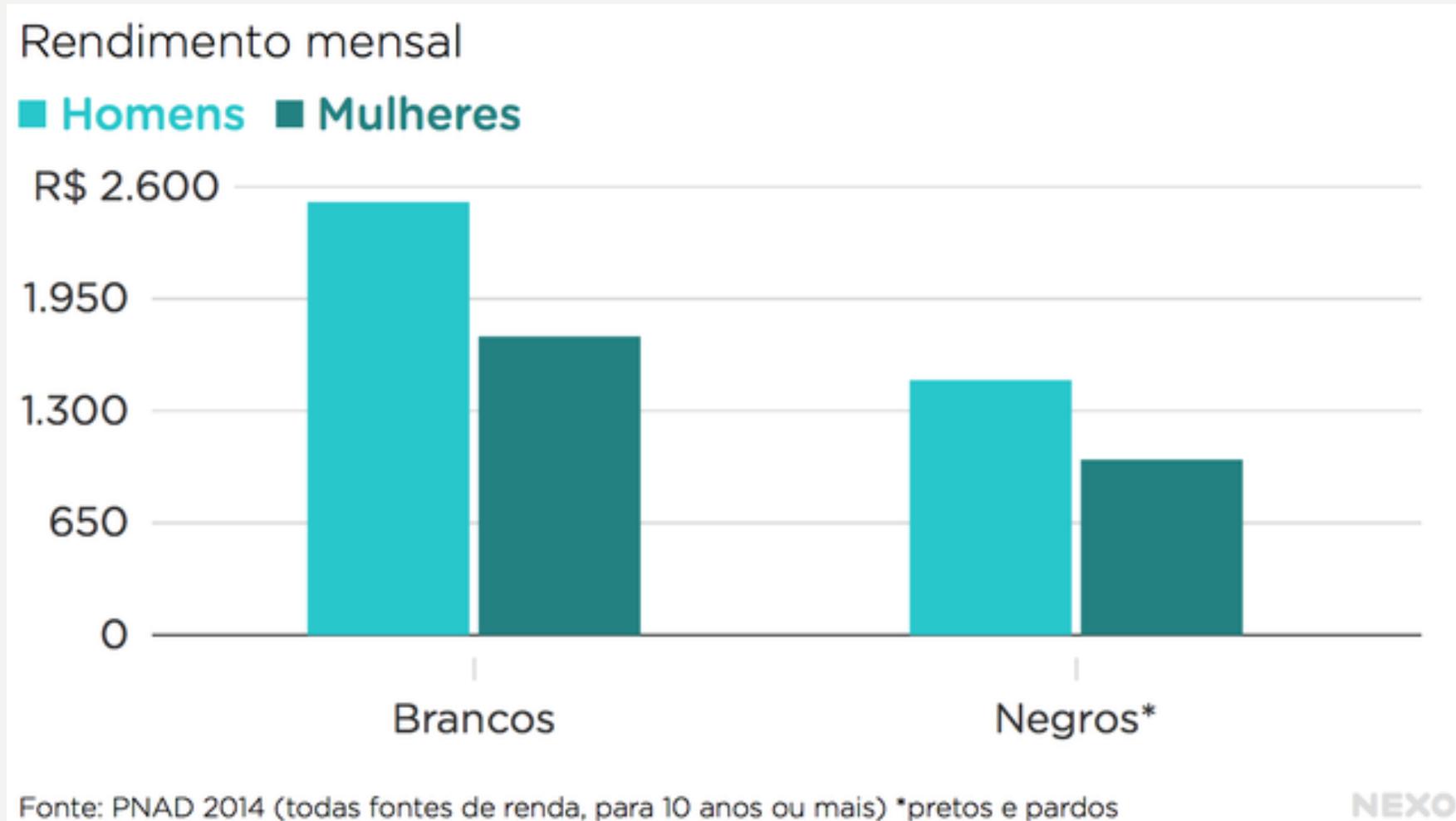
... NÚMEROS QUE CALAM...

- - 54 milhões de brasileiros (32% da população) recebem por mês menos de R\$ 150. Desse total, 76% são negros (dados do IPEA).
- - 60% dos desempregados são negros ou pardos.
- - Dos quase dois milhões de brasileiros que sobrevivem como ambulantes, 66,7% são negros ou pardos.
- - Dos 6,177 milhões das empregadas e dos empregados domésticos, 66% são negros ou pardos.
- - No conjunto de pesquisadores brasileiros apenas 1% é representado por negros e negras; nas mais de 4.000 instituições universitárias brasileiras há apenas 1 reitora negra.
- - Não há negros na presidência de uma das maiores cinco mil empresas privadas sediadas no país.

- - No Brasil, 7 em cada 10 pessoas assassinadas são negras.
- - Na faixa etária de 15 a 29 anos, são 5 vidas perdidas para a violência a cada 2 horas. De 2005 a 2015, enquanto a taxa de homicídios por 100 mil habitantes teve queda de 12% entre os não negros, para os negros houve aumento de 18%.
- - Segundo pesquisa realizada pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e pelo Senado Federal, 56% da população brasileira concorda com a afirmação de que “a morte violenta de um jovem negro choca menos a sociedade do que a morte de um jovem branco”.

<https://nacoesunidas.org/onu-brasil-lanca-campanha-pelo-fim-violencia-contra-juventude-negra/>

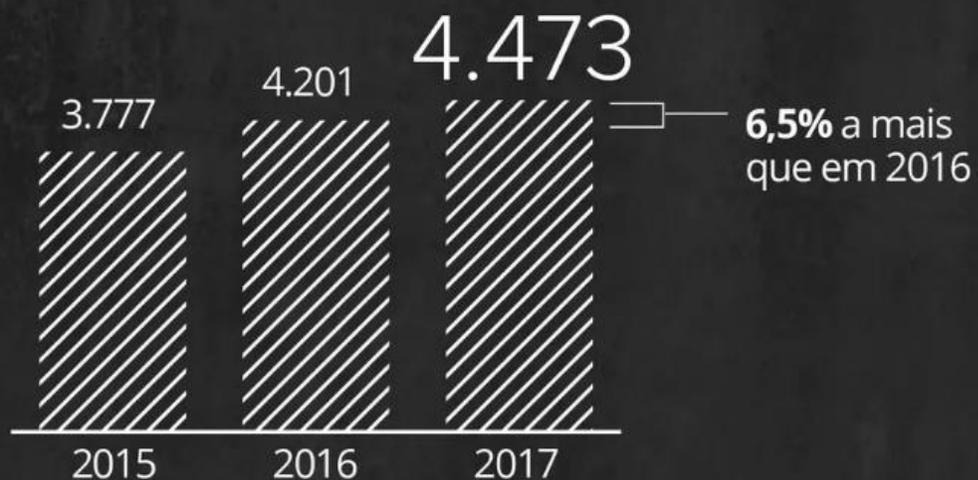
DIFERENÇAS SALARIAIS – SEXO E RAÇA



<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2016/02/24/Sistema-de-cotas-raciais-inclus%C3%A3o-em-meio-%C3%A0-controv%C3%A9rsia>

MULHERES ASSASSINADAS

HOMICÍDIOS DOLOSOS



1 mulher é assassinada a cada 2 horas no Brasil.

12 mulheres são assassinadas todos os dias, em média, no Brasil.

<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/cresce-n-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-no-brasil-dados-de-feminicidio-sao-subnotificados.ghtml>

FEMINICÍDIOS



* 3 estados não contabilizam os dados de feminicídios no país (CE, RO e TO)

Marielle Franco

**UPP – A REDUÇÃO DA FAVELA
A TRÊS LETRAS: UMA ANÁLISE
DA POLÍTICA DE SEGURANÇA
PÚBLICA DO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO**



Por último, e mais importante, agradeço aos meus pais, Marinete e Toinho. Graças a eles sou o que sou hoje. Tive a educação que foi possível, mas sempre fui motivada a estudar, o que contribuiu muito para que eu escolhesse trilhar esse caminho de aprofundamento nos estudos. E a busca para melhorar de vida. Já que favelada pra subir na vida além de pegar o elevador, tem que se esforçar muito. Por tudo isso, agradeço muitíssimo, de todo coração, aos meus pais.

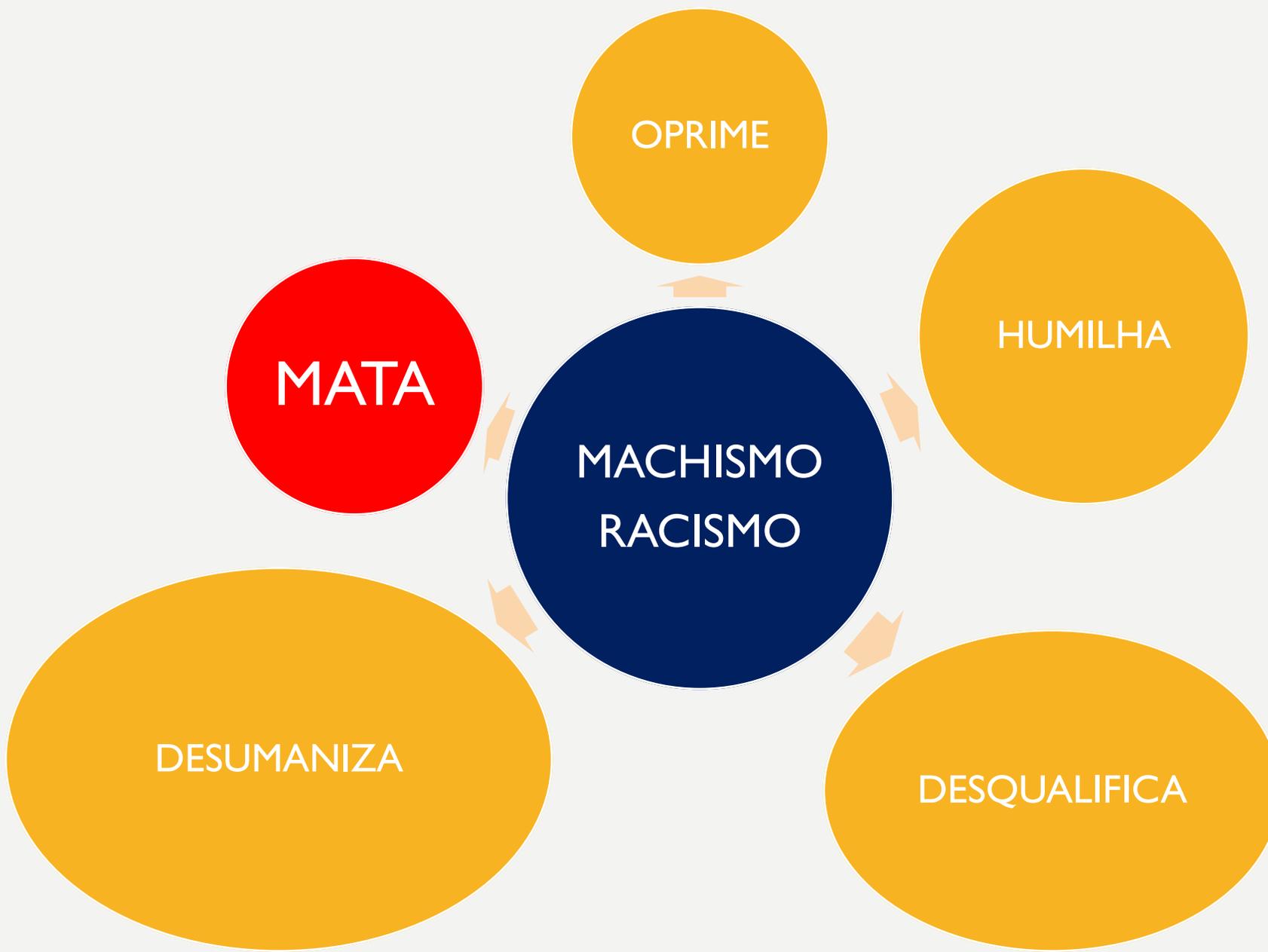
LGBTFOBIA

- Cenário de enorme ódio, preconceito, violência e **transfobia institucional** que exclui e mata travestis e transexuais. Em 2016, foram 347 mortes por assassinatos, quase 1 por dia, segundo reportagem do jornal O Estado de Minas. Em 2017, 179 pessoas trans foram assassinadas, sendo 169 travestis e mulheres transexuais e 10 homens trans, segundo levantamento da Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais).
- A expectativa de vida das travestis e das mulheres trans é de 35 anos, quando a média nacional, segundo dados do IBGE, é de 75,5 anos.
- Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>

HOMO LESBO E TRANSFOBIAS NA EDUCAÇÃO

- A Pesquisa Nacional de Estudantes LGBT e Meio Ambiente Escolar 2016, conduzida pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, apresenta alguns dos resultados desse ambiente hostil. O estudo ouviu **1.016 estudantes LGBT com idade entre 13 e 21 anos durante o ano de 2015**. Os resultados mostram que **60% deles se sentiram inseguros na escola no ano anterior por causa de sua orientação sexual** e **43% se sentiam inseguros por causa de sua identidade de gênero**, pois 48% ouviram comentários homofóbicos feitos por seus pares e 55% ouviram comentários negativos especificamente sobre transgêneros.
- A discriminação contra os estudantes LGBT muitas vezes leva a agressões ou violência física dentro das escolas. De acordo com o estudo, 27% dos estudantes LGBT foram agredidos fisicamente por causa de sua orientação sexual e 25% deles foram fisicamente agredidos por causa de sua identidade de gênero.
- Mais de 50% dos estudantes entrevistados afirmaram ter sido assediados sexualmente na escola. Desse total, 36% acreditavam que a habilidade profissional da educação para prevenir os ataques era “ineficaz”.

POR QUE GÊNERO E RAÇA NA ESCOLA?



DE SEXO A GÊNERO

- Entre os anos 1960 e 1970, diante da constatação da dominação masculina nas várias esferas da vida (familiar, social, cultural, política, econômica), ou seja, da desigualdade entre os sexos, os movimentos e as teóricas feministas, sobretudo dos EUA, centraram-se sobre os estudos da mulher ou das mulheres, os problemas e as questões das mulheres, com o objetivo de garantir voz e visibilidade às mulheres. (“Estudos sobre Mulheres” – “Women Studies”).
- Os homens não apareciam como sujeitos das pesquisas, a não ser pelo lugar de “referência universal”, sendo as mulheres consideradas como “diferentes” dessa referência e “somente elas marcadas por seu sexo”.
- O desenvolvimento teórico do campo, impulsionado por atrizes que nem sempre se enquadravam nas categorias analíticas propostas, culminou com o conceito de gênero e de relações de gênero, significando uma “compreensão mais alargada da experiência humana, na qual tanto homens quanto mulheres são estudados como sujeitos construídos a partir da percepção social de seu sexo”. É a partir daí que surgem os estudos sobre homens e masculinidades.

(CARVALHO, FILHO: 2010, p. 9)

ANOS 1980

- A partir de contribuições de pesquisas de várias áreas, com destaque para a antropologia, estudos feministas passaram a compreender sexo *dentro* de gênero, ou seja, como categoria determinada pela história e pela cultura. O conceito de gênero passou a substituir o de sexo.
- Os modos sociais como se captura diferenças e semelhanças entre homens e mulheres determinam como o corpo é apreendido (os corpos são vistos como binários, situados em polos excludentes, resultando na visão de *uma* forma de ser mulher, oposta a *uma* forma de ser homem, quando, na verdade, *múltiplas* formas de masculinidades e feminilidades *coexistem*).
- Ao centrar-se exclusivamente nas diferenças e oposições, essa bipolaridade ofusca o olhar, não permitindo a percepção de continuidades e semelhanças entre os sexos.

O QUE É GÊNERO?

- Mulher
- Gênero
- Relações de gênero

Estudos
da mulher

Estudos
feministas

Estudos
de gênero

Natureza

- Ser homem ou ser mulher não é algo determinado pela natureza.

Cultura

- Também não é resultado de uma imposição externa pelas normas e práticas da socialização.

Os sujeitos *se constituem*, buscam um “lugar na ordem de gênero” (CONNELL, PEARSE, 2015, p. 39). Essa busca pode ser conflituosa em relação ao que “se oferece” como possibilidades de ocupação desses lugares.

- A chamada “identidade de gênero”, portanto, não é algo dado ao sujeito para que ela/ele incorpore como um pacote pronto, mas é algo que faz parte constituição da subjetividade. Por isso torna-se mais apropriado falar de “processos identitários” do que em identidade como “adesão” a algo fixo e dado.
- O processo identitário gera “ambiguidades de gênero” ” (CONNELL, PEARSE, 2015, p. 39).
- A noção de “ambiguidades” parte do padrão de suposta “normalidade” cisheteronormativa.
- Embora pesquisas da psicologia indiquem que todas e todos combinemos, em diferentes proporções, características tidas como femininas e masculinas (essas sempre determinadas por convenções sociais, portanto, perpassadas por relações de poder), o padrão de normalidade ainda se impõe para categorizar as ambiguidades ou para caracterizá-las como negativas ou desviantes.

“O alinhamento cis envolve um sentimento interno de congruência entre seu corpo (morfologia) e seu gênero, dentro de uma lógica onde o conjunto de performances é percebido como coerente. Em suma, é a pessoa que foi designada “homem” ou “mulher”, se sente bem com isso e é percebida e tratada socialmente (medicamente, juridicamente, politicamente) como tal.” Adriano Senkevics, blog Ensaios de Gênero

AFINAL, O QUE É GÊNERO

- Para o senso comum, gênero é entendido como “uma expressão de diferenças naturais entre homens e mulheres”.
- Para além do senso comum, e partir da teoria social, gênero deve ser compreendido como “uma estrutura social”, isto é, como a “manutenção de padrões amplamente difundidos entre relações sociais”.
- “Não é uma expressão da biologia, nem uma dicotomia fixa na vida ou no caráter humano. É um padrão em nossos arranjos sociais, e as atividades do cotidiano são formatadas por esse padrão”.
- Como qualquer outra estrutura social, o gênero é multidimensional, ou seja, perpassa e é perpassado por identidade, trabalho, poder, sexualidade, simultaneamente.

(CONNELL, PEARSE: 2015, p. 49).

AFINAL, O QUE É GÊNERO

- Assim concebido, o conceito de gênero se afirmou como **categoria de análise** que vem contribuindo para a compreensão dos processos de criação, manutenção e naturalização das desigualdades, a partir de uma perspectiva relacional entre homens e mulheres. Os estudos atuais passam a articular gênero com outros marcadores sociais como: classe, raça, etnia, sexualidade, entre outros. (CARREIRA, 2016, p. 28)

PEDAGOGIA DO ARMÁRIO

“Seria um equívoco conceber o heterossexismo e a homofobia na escola como manifestações de casos fortuitos ou isolados, uma espécie de herança, um atavismo cujas expressões a instituição meramente admitiria. Em vez disso, a heteronormatividade está na ordem do currículo e do cotidiano escolar. A escola consente, cultiva e promove homofobia e heterossexismo, repercutindo o que se produz em outros âmbitos e oferecendo uma contribuição decisiva para sua produção/reprodução, atualização e consolidação. Não raro também informados pelo racismo e pelo classismo, heteronormatividade, heterossexismo e homofobia *atuam na estruturação* desse espaço e de suas práticas pedagógicas e curriculares. Ali, tais fenômenos fabricam sujeitos e identidades, produzem ou reiteram regimes de verdade, economias de (in)visibilidade, classificações, objetivações, distinções e segregações, ao sabor de vigilâncias de gênero e exercendo efeitos sobre todos(as).”

(JUNQUEIRA, 2013, p. 493)

DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

“Ao produzirem e alimentarem privilégios e discriminações, ambiências escolares tendem a comprometer a média do rendimento escolar. Sexismo, heterossexismo, racismo e outras formas de preconceito e discriminação representam um problema educacional e afetam a qualidade da educação de todas as pessoas. **A escola é um espaço onde o naturalizado e tido como incontornável pode ser confrontado por pedagogias dispostas a promover diálogos, releituras, reelaborações e modos de ser, ver, classificar e agir mais abertos e criativos.** Um local onde podemos buscar inventar formas de conviver, ensinar, aprender, em favor da reinvenção e a dignificação da vida. **A democracia e a educação de qualidade dependem disso.**”

(JUNQUEIRA, 2013, p. 494)

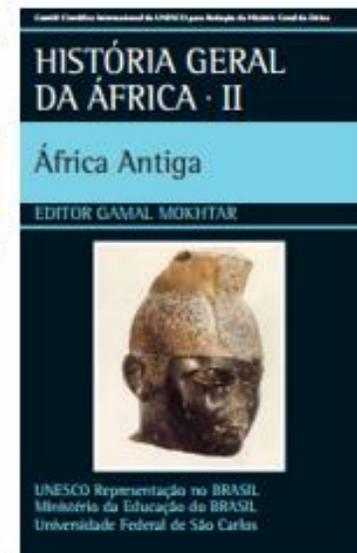
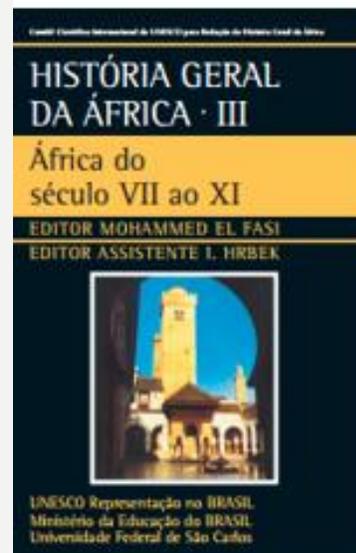
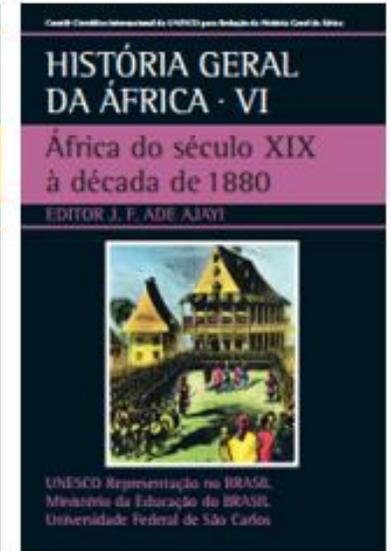
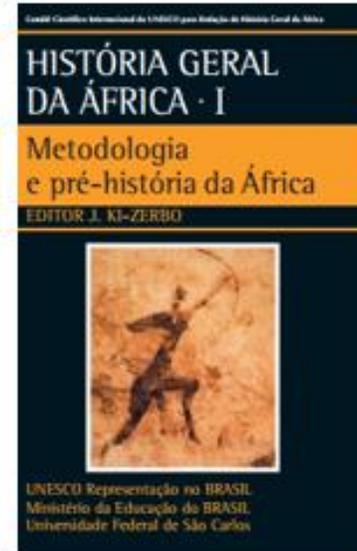
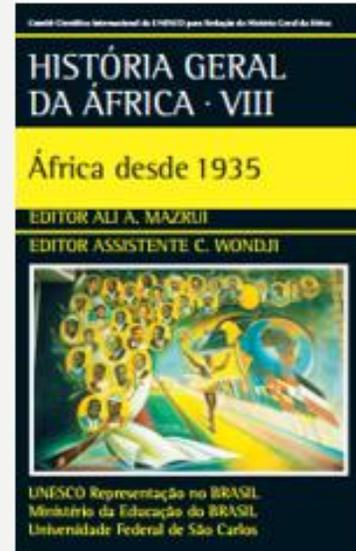
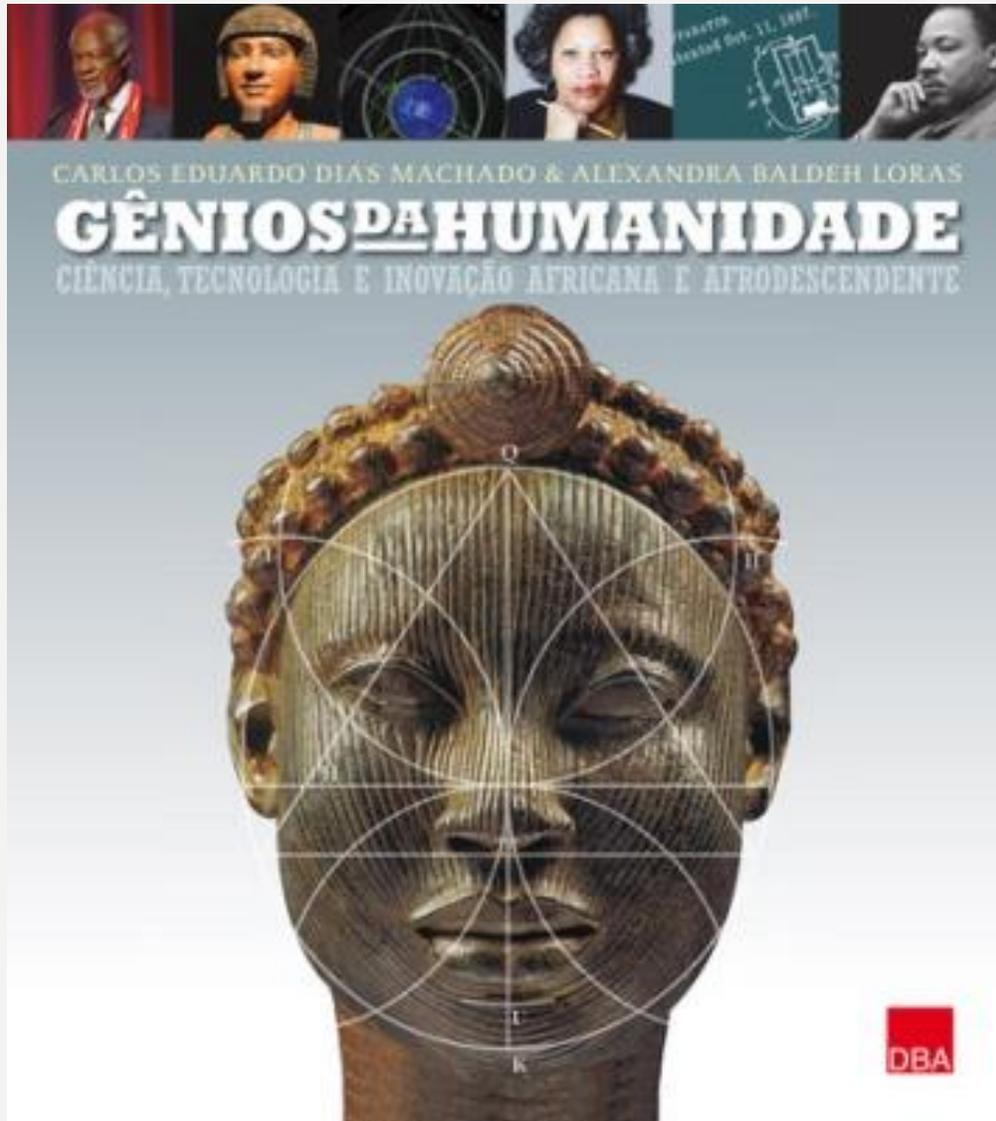
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE ENFRENTAMENTO

- *** O enfrentamento dessas discriminações na Educação passa por **ações de duas naturezas:**
- ** **pedagógica** – diz respeito ao âmbito da creche, da escola básica, da universidade e de outras instituições educativas e passa pela formação de professores e outros profissionais, pela produção e distribuição de material didático e outros recursos, etc., visando à transformação das práticas pedagógicas rumo a criar um ambiente educativo que reconheça as desigualdades, que valorize as diferenças e que forme mentalidades e atitudes não-discriminatórias.
- ** **político-estruturais:** diz respeito à mudança e criação de condições mais estruturais, do ponto de vista político, econômico e material, que respaldem as transformações de mentalidade, pois a educação por si só não é capaz de mudar estruturas socioeconômicas que perpetuam as desigualdades.

DESCOLONIZANDO A EDUCAÇÃO...

- A educação para o respeito às diversidades favorece:
 - **identidade:** consciência e valorização de si, de pertencimento, isto, processos positivos de subjetivação;
 - **alteridade:** respeito ao outro, valorização do diverso, reconhecimento das diferenças.
 - **ampliação de horizontes culturais e visão de mundo:** consciência da diversidade humana, dos vários modos possíveis de ser e estar no mundo, das contribuições conflituosas dos vários grupos na formação do Brasil.

DESCOLONIZANDO A EDUCAÇÃO



DESCOLONIZANDO A EDUCAÇÃO

INDICADORES DA
♦ **QUALIDADE** ♦
NA EDUCAÇÃO

RELAÇÕES RACIAIS
NA ESCOLA



- http://www.acaoeducativa.org.br/r/elacoesraciais/wp-content/uploads/2013/12/Indicadores_RR_vf.pdf

DESCOLONIZANDO A EDUCAÇÃO



- https://www.avisala.org.br/wp-content/uploads/2015/06/revistadeeducacaoinfantil_2012.pdf

“...temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades”. (Santos, Boaventura de Sousa. Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003: 56).



“Numa sociedade racista não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”.
Angela Davis

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (...) Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar." (Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia*, 1996).